

O poder do estilo

Da estética de Rama Duwaji ao moletom de Maduro, a moda revela disputas de poder, ideologia e pertencimento

POR GIOVANNA KUNZ

A moda sempre foi linguagem. Antes de ser tendência, consumo ou espetáculo, ela comunica valores, posicionamentos e disputas de poder. Em 2026, esse diálogo entre roupa e política ganha um novo rosto (jovem, feminino e artístico) com Rama Duwaji, primeira-dama da cidade de Nova York. Aos 28 anos, a artista sírio-americana passou a ocupar o centro dos olhares não apenas por estar ao lado do prefeito Zohran Mamdani, mas pela maneira como constrói sua imagem pública, que, apesar de silenciosa, é carregada de significado.

Nascida no Texas, de origem síria, Duwaji construiu carreira como ilustradora, com trabalhos publicados em veículos internacionais e um mestrado pela Escola de Artes Visuais de Nova York. No Instagram, em que soma cerca de 1,9 milhão de seguidores (@ramaduwaji), alterna ilustrações em preto e branco com registros despretensiosos de seus looks, criando uma narrativa visual que mistura arte, cotidiano e identidade.

A história com Zohran Mamdani também foge do roteiro tradicional. Os dois se conheceram por um aplicativo de namoro e se casaram em Dubai, onde vive a família da artista, em uma cerimônia muçulmana. Desde então, cada aparição pública de Rama tem sido lida como um gesto político, ainda que ela nunca tenha feito



Reprodução/Instagram/@zohrankmamdani

discursos ou declarações diretas. Na noite da vitória eleitoral de Mamdani, em 4 de novembro do ano passado, ela surgiu com um top jeans assinado pelo estilista palestino Zeid Hijazi, radicado em Londres.

Na cerimônia de posse, realizada à meia-noite do ano-novo em uma estação de metrô desativada, Duwaji vestiu um casaco vintage de lã com gola alta da Balenciaga, alugado da Albright Fashion Library, combinado com brincos vintage esculturais de ouro da New York Vintage. Por baixo, shorts de alfaiataria da The Frankie Shop e botas de bico fino da marca londrina Miista. Na manhã seguinte, na cerimônia pública, usou um casaco marrom-chocolate com acabamento em pele sintética da Renaissance Renaissance, marca fundada pela estilista palestino-libanesa Cynthia Merhej.

Essa postura de colocar intenção nos looks apresentados ao público lembra, em muitos aspectos, a de

Diana, princesa de Gales. Assim como Lady Di, Rama Duwaji não precisa discursar para ser ouvida. Com escolhas estéticas que falavam de afeto, vulnerabilidade e independência feminina, a representante britânica transformou a moda em ferramenta de empatia, aproximação e, aos poucos, de ruptura com protocolos rígidos da monarquia. Rama faz algo semelhante em outro tempo e outro cenário: usa a roupa para afirmar identidade, ancestralidade e autonomia, sem jamais ocupar um espaço que não lhe foi concedido politicamente.

O impacto é imediato. Rama Duwaji se tornou uma verdadeira "it girl". Seu corte de cabelo, descrito como um "bixie", entre o bob e o pixie, passou a ser copiado por jovens nova-iorquinas nos dias seguintes à posse. A stylist Gabriella Karefa-Johnson chegou a afirmar à revista Vogue que, embora Duwaji não precise tecnicamente da ajuda de uma profissional para escolher as próprias, seu trabalho foi "traduzir" a artista por meio da moda, recorrendo a arquivos, designers independentes